

PAISAGENS HISTÓRICO-SONORAS DE BENTO RODRIGUES, PARACATU DE BAIXO E GESTEIRA

*Mariana Bicalho Camelo**

Introdução

Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc. (SANTOS, 1988, p. 21)

As áreas do subdistrito de Bento Rodrigues (integrante do distrito de Santa Rita Durão) e de Paracatu de Baixo (subdistrito de Monsenhor Horta), ambas no município de Mariana, bem como de Gesteira, situado no município de Barra Longa, estado de Minas Gerais, foram atingidas no dia 5 de novembro de 2015 pela quebra da barragem de Fundão. Esse acontecimento, que já foi considerado desastre,⁴³ tragédia,⁴⁴ catástrofe⁴⁵ e até crime,⁴⁶ e seus impactos nos âmbitos econômico, político e, conseqüentemente, social, além de

43 Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2019/01/25/ha-3-anos-rompimento-de-barragem-de-mariana-causou-maior-desastre-ambiental-do-pais-e-matou-19-pessoas.ghtml>. Acesso em: 20 set. 2019.

44 Disponível em https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2019/09/14/interna_gerais,1085128/novo-impasse-no-velho-bento.shtml. Acesso em: 20 set. 2019.

45 Disponível em <https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/mariana-uma-tragedia-anunciada/>. Acesso em: 20 set. 2019.

46 Disponível em <http://www.pad.org.br/apos-tres-anos-do-crime-atingidos-pelo-rompimento-da-barragem-da-samarco-realizam-marcha-de-mariana-vitoria/>. Acesso em: 20 set. 2019.

ambiental, implicam na necessidade da promoção de ações voltadas para o ressarcimento de tais localidades, compreendidas enquanto espaços de identidades histórico-culturais.

Nesse sentido, tais operações podem ser entendidas também como tentativas representacionais do espaço. Elas englobam um respaldo de informações que resguardam as características dessas localidades. E, por conseguinte, dialogam com a passagem do tempo, visto que o enfoque do espaço geográfico, como resultado da conjugação entre sistemas de objetos e sistemas de ações (SANTOS, 1988), permite transitar do passado ao futuro, mediante a consideração do presente.

Uma dessas ações compensatórias consiste na pesquisa aplicada coordenada pelos professores Virgínia Buarque e Cesar Maia Buscacio, da Universidade Federal de Ouro Preto, contando com a minha participação como bolsista de iniciação científica. A investigação, iniciada em 2019, objetiva constituir uma cartografia histórico-sonora dessas três localidades em uma periodicidade que se estende do século XVIII ao XXI, com seus embates, mudanças, espoliações, potencialidades. Almeja-se que esta cartografia, a ser disponibilizada em plataforma digital, não se limite à simples ilustração do panorama dos sons, fornecendo indicações de como as sonoridades são constituídas pelos seres (humanos e ihumanos), na dinâmica do tempo histórico, como, de forma concomitante, incidem sobre as vivências desses seres, em suas inter-relações.

Neste esforço analítico, alguns conceitos, com seus respectivos embasamentos teóricos mostraram-se cruciais. O primeiro deles é o de **paisagem sonora**, que pode ser remetido ao compositor e musicólogo canadense Murray Schafer. Este pesquisador define paisagem sonora como qualquer campo de estudo acústico (uma composição musical, um programa de rádio, um ambiente perpassado por sons naturais e aqueles criados pelos seres humanos etc.). Por essa mesma perspectiva, a paisagem sonora

[...] comporta, inclusive, os enlaces estabelecidos entre os sons do ambiente e a música de uma época. Em paralelo, a paisagem sonora também compreende o aporte tecnológico: assim, os sons musicais podem incluir vibrações provindas de instrumentos, das vozes, dos arranjos e também das tecnologias de captação sonora e de mixagem (*lo-fi* ou *hi-fi*, índices de reverberação, controle de canais, equalização etc.). Desta maneira, a paisagem sonora contemporânea implica na incorporação de elementos culturais da modernidade, como a aceleração do tempo e, de forma recíproca, suscita novas sensibilidades audíveis, daquilo que possa ser considerado como sons desejáveis ou indesejáveis. (BUSCACIO, BUARQUE, 2019, mimeo).

Outro termo proposto por Schafer, em sua obra *Vozes da Tirania*, seria **marco sonoro**, no qual:

Chamo de marcos sonoros os sons que estão em determinado lugar por muito tempo. Como marcos da paisagem, eles definem seu caráter essencial, aquilo que a torna única. Assim como há associações que zelam pela preservação de marcos de uma paisagem, deveria haver entidades dedicadas à preservação dos marcos sonoros. No mundo de hoje, isso é mais importante do que jamais foi, pois os marcos de uma paisagem e os marcos sonoros são âncoras sensoriais que ajudam as pessoas a se sentirem em casa, em uma condição em que as rápidas mudanças tecnológicas podem fazer para que se sintam como refugiados. (SCHAFER, 2019, p.132)

Assim, os marcos sonoros que compõem o ambiente, uma vez que apresentam capacidade de mediar relações entre sujeitos,

podem ser entendidos enquanto produções sociais, e por tanto, políticas. E, por isso, eles variam de acordo com a configuração geográfica e histórica de um lugar. No contexto das cidades mineiras, alguns desses seriam a fauna, hidrografia, vegetação e as comunidades ameríndias, por exemplo.

O geógrafo Milton Santos também emprega o conceito de paisagem para destacar a articulação entre “[...] um conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais; é formada por frações de ambas, seja quanto ao tamanho, volume, cor, utilidade, ou por qualquer outro critério. A paisagem é sempre heterogênea”. (SANTOS, 1988, p. 23) Ademais, este renomado pesquisador brasileiro igualmente ressalta a importância do som na composição da paisagem, sendo que ela é intersubjetiva e faz parte do imaginário social. Relacionar uma cidade à sua sonoridade implica, portanto, em reafirmar a necessidade de descobrir a dimensão histórica, social e ambiental dos sons urbanos na prática de uma escuta que possibilite o seu registro, num jogo entre movimentos, velocidades, densidades, superfícies.

Não obstante, Milton Santos trabalha em sua obra *Natureza e espaço* a epistemologia da diferenciação de espaço e paisagem, e como esta diferença é consequência dos efeitos gerados pela introdução do homem. A ação humana, assim, (SANTOS, 2002) inclui um retro-efeito de parte das coisas que ela própria, ação humana, vivifica. A intencionalidade seria uma espécie de corredor entre sujeito e objeto.

Desta forma, cabe a este capítulo a tentativa de ilustrar e descrever a importância dos marcos sonoros relevantes para a construção social das regiões em questão. Considera-se que o mapeamento desses fatores viabilize uma discussão acerca da mudança dos sons interligado à efemeridade e à passagem do tempo.

1. Sonoridades da terra, da água e do ar

As regiões de mineração onde situavam-se os povoados de Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo e, posteriormente, iria surgir a localidade de Gesteira, passaram a constar nos mapas a partir da passagem do século XVII ao XVIII, após terem sido alcançado pelo sertanista paulista João de Melo, conforme registrado nas *Notícias do descobrimento das minas de Ouro Preto e dos governos políticos nelas havidos*, documento manuscrito datado aproximadamente de 1750, de autoria anônima, (OLIVEIRA, s. d.).⁴⁷

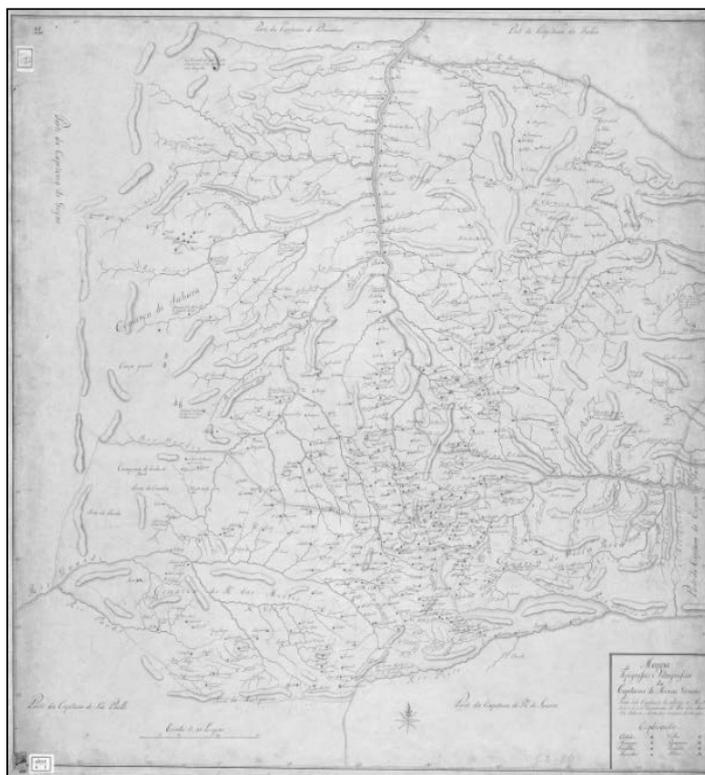


Fig. 1- “Mapa topográfico e hidrográfico da Capitania de Minas Gerais”⁴⁸

47 Neste manuscrito, integrante do Códice Costa Matoso, à p. 246, o autor afirma: “Eu fiz quatro viagens a estas Minas, em que gastei alguns três anos pela dificuldade do caminho, e vim a ficar cá em 1702...”. (apud OLIVEIRA, s. d.).

48 MAPPA topografico e idrografico da Capitania de Minas Geraes. – Escala: [ca. 1:1 700 000]. – [entre 1791 e 1798]. – 1 mapa ms., color. à mão, nanquim; 75 x 67,3 cm. em folha 77,5 x 69 cm. – (Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, BN-RJ). Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart543208.htm. Acesso em: 21 out. 2019.

Há séculos, nesses mesmos espaços reverberam sonoridades fundamentais, constituídas no ambiente da Serra do Espinhaço. Afinal, a geografia e o clima conferem sons fundamentais nativos à paisagem sonora (SCHAFER, 2001, p. 40). Trata-se de uma cordilheira⁴⁹ abrangendo uma faixa de aproximadamente 1.000 quilômetros de comprimento, que atinge 732 metros de altitude no distrito de Camargos, município de Mariana, e cerca de 400 metros em Campinas, outro subdistrito desta mesma cidade. Ela é composta por grandes formações rochosas que datam da Era Proterozóica, isto é, de 2,5 bilhões de anos atrás⁵⁰. Por conseguinte, dentre o leque de sons que historicamente ecoaram na região, destacavam-se aqueles provindos da água (chuva e rios), da diversificada fauna, assim como do vento e das vozes ameríndias.

Uma das sonoridades fundamentais mais marcantes dessa região era a do rio Gualaxo do Norte, situado a noroeste do município de Mariana, com suas nascentes e os córregos que nele desaguavam (RODRIGUES, 2012, p. 27). Seu leito flui à esquerda da Serra de Antônio Pereira, reunindo-se ao Ribeiro do Carmo depois de um percurso de dez a quatorze léguas, conforme descrito pelo mineralogista germânico Eschwege⁵¹ em 1815 (ESCHWEGE, 1979, V. 2, p. 12).

Já sob um viés teórico-conceitual, segundo Murray F. Schafer,

A água nunca morre. Vive para sempre, reencarnada como chuva, como riachos murmurantes, como quedas d'água e fontes, rios

49 Conjunto de serras.

50 Serra do Espinhaço em foco. Disponível em: <https://www2.ufmg.br/imagensdoconhecimento/Imagens/Areas/Ciencias-Exatas-e-da-Terra/Serra-do-Espinhaco-em-foco#cont>. Acesso em: 5 de outubro de 2019.

51 Ludwig von Eschwege (1755-1855), conhecido como Barão de Eschwege, era engenheiro, geólogo, mineralogista. Permaneceu no Brasil de 1810 a 1821 e escreveu cerca de 23 trabalhos. Veio a convite de D. João VI, que já o conhecia por seus serviços mineralógicos no Reino, a fim de estudar a situação das riquezas minerais de Minas Gerais, além de melhorar suas explorações, técnicas e sua legislação, cf. OLIVEIRA, s. d., p. 24-25.

rodopiantes e profundos rios taciturnos. Um riacho de montanha é um acorde de muitas notas soando estereofonicamente pelo caminho do ouvinte atento. [...] Quando um riacho salta numa cascata de cem metros nas montanhas rochosas, há uma quietude tensa, quase apreensiva, seguida de um excitação ruidoso quando ele bate nas rochas, lá embaixo. [...] **Os rios do mundo falam suas próprias linguagens.** (SCHAFER, 2001, p. 37. Negrito da autora deste capítulo.)



Fig. 2- “Paisagem Tropical com um rio em Minas Gerais”⁵²

52 PAISAGEM Tropical com um rio em Minas Gerais. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra16327/paisagem-tropical-com-um-rio-em-minas-gerais>. Acesso em: 18 mar. 2021. Verbetes da Enciclopédia.

Além disso, o leito do Rio Gualaxo do Norte mostrou-se promissor para a exploração aurífera. Dele foram extraídos centenas de quilos de ouro durante a primeira década do século XVIII, como apontou Antonil,⁵³ que a destacava entre os principais garimpos mineiros deste período. Ainda sobre este período, Fábio Henrique Viana, em sua tese *A paisagem sonora de Vila Rica* descreve a crescente produção de ouro na segunda metade do século XVIII em Vila Rica como um ambiente urbano no auge de seu desenvolvimento:

Da natureza, chamaria a atenção o som das águas, sempre presente na Vila, desde a sua origem. Próximo aos vários cursos d'água que se espremem entre a Serra de Ouro Preto e a Serra do Itacolomi, surgiram os primeiros arraiais que, mais tarde, constituiriam a Vila Rica de Albuquerque. **Ao som da correnteza desses ribeiros, cedo se juntou o som vindo da lavagem do cascalho, apanhado dos veios d'água e colocado em pratos de estanho ou em bateias de madeira, a fim de se extrair o ouro de aluvião.** (VIANA, 2011, p. 29. Negrito da autora desde capítulo.)

53 “André João Antonio Andreoni, mais conhecido como Antonil, foi um jesuíta italiano nascido na região de Lucca, Toscana. Formou-se em Direito pela Universidade de Perúgia e aos dezoito anos ingressou na Companhia de Jesus, em Roma. Chegou a Salvador, Brasil, no ano de 1681, onde veio a falecer no ano de 1716. Em 1711, publicou em Lisboa a obra *Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas*, onde apresentou descrições detalhadas da economia colonial, como a produção de açúcar, a criação de gado e a escravidão na colônia. A Coroa portuguesa rapidamente confiscou a edição do livro, em parte devido aos relatos referentes à mineração. Obra essencial para a compreensão da vida social e econômica do Brasil colônia, só viria à luz em 1837, quando foi editada no Rio de Janeiro. Conforme verbete da Biblioteca Nacional, disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/antonil/>. Acesso em: 25 fev. 2020.

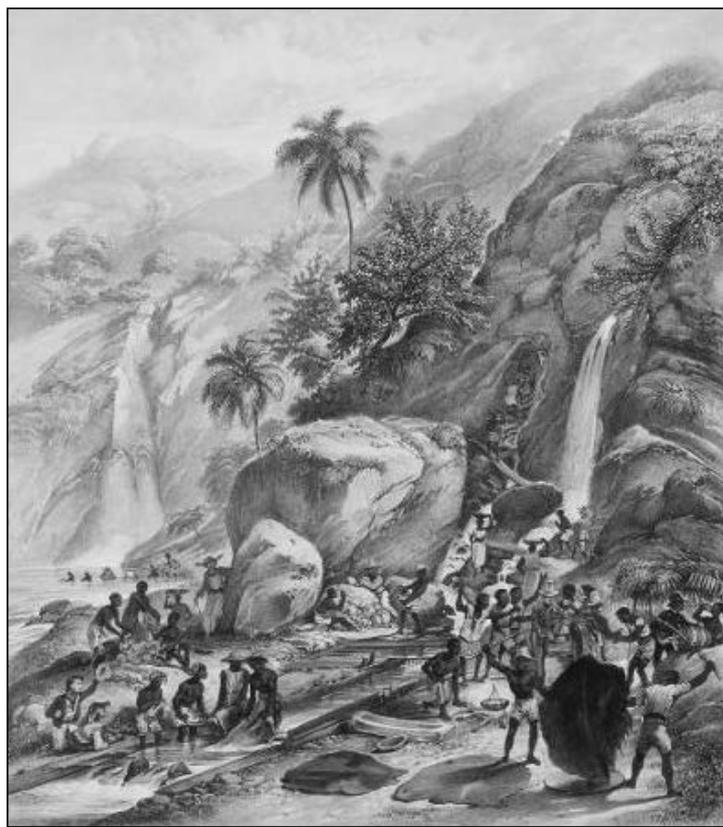


Fig. 3 - RUGENDAS, Johann Moritz. Lavagem de ouro perto de Itacolomi, no livro *Viagem pitoresca através do Brasil*, 1941.

Já a figura 3, representada anteriormente, mostra momentos vivenciados na mineração de mina. Dessa forma, é possível vermos a lavagem do ouro em bateias, e os couros de boi, que na época tinham a utilidade de reter o ouro fino carregado pela água. Assim como é ilustrado, dentro do rio, o material da galeria aberta sendo retirado na rocha pelos faiscadores, para, logo em seguida, ser ajuntado e quebrado pelos escravos. Em 1750, ainda se arrancava “grosso cabedal” das lavras na localidade, principalmente na parte alta onde os mineradores escavavam os montes (usando a técnica do talho aberto), mineravam os penhascos e cortejavam o coração da terra (abrindo galerias). (ICOMOS, 2019, p. 30)

Além disso, os acampamentos de mineradores na beira dos rios foram importantes para a região, uma vez que se consolidaram nos

arraiais que deram origem à Vila Rica. A consequência direta disso (VIANA, 2011) foi o distanciamento da exploração do ouro nos cursos d'água, indo se instalar nos morros circunstantes. Assim, os sons da mineração foram ficando cada vez menos urbanos, restando apenas o som das bateias dos fiscadores, que durante todo o século XVIII continuou sendo familiar aos vilarriquinhos. Em desdobramento à atividade mineiradora, o Gualaxo do Norte mostrou-se uma importante via de transporte e orientação geográfica; todavia, apesar de uma vez unido ao Ribeirão do Carmo, vir a desaguar no Rio Doce, a partir desse ponto teve sua navegação proibida até o século XIX, pois a Coroa Portuguesa temia que o rio fosse utilizado como rota para o contrabando de ouro. (DIAS; LUZ; ASSUNÇÃO; GONÇALVES, p. 460)

A tentativa de descrição dos sons do passado, por meio da iconografia disponível é endossada por Schafer: “Toda pintura é avivada de sons, percebermos que não há som na fração de segundo em que imagens pictóricas vivem. Porém o som pode ser sugerido pelo movimento, e quanto maior for a sua variedade e energia, mais ressonante a superfície pictórica se torna” (SCHAFER, 2019, p.64).

3. Sonoridades dos animais

Os animais da região de Mariana formam a sinfonia da paisagem, tão característico quanto a língua e os códigos. São numerosas tais sonoridades: o canto da maritaca-verde, o pulo da perereca, a voz do mico-estrela, e até mesmo o canto do sabiá-laranjeira definem o espaço. O registro da fauna mineira aponta para espécies até então inéditas para os primeiros pesquisadores, visto que vários animais que viviam na região banhada pelo rio Gualaxo do Norte eram antes desconhecidos na Europa.

Dessa maneira, o canto do sabiá-laranjeira⁵⁴, por exemplo, apresenta como utilidade demarcar território e atrair a fêmea no

⁵⁴ Nome advindo do tupi que significa “aquele que reza muito”.

acasalamento, uma vez em contato com o ambiente urbano, esse animal é citado em poesias brasileiras como o pássaro que canta na estação do “amor”, sendo até considerado ave símbolo do Brasil. A incorporação humana neste contexto tem como fim a “representação” dos sons fundamentais na prática musical.

Acerca da representação do sons, em especial o som dos pássaros, Oiliam José em sua obra *Os indígenas de Minas Gerais*, escreve sobre as atividades musicais dos índios afirmando que as composições musicais rudimentares existiam para o acompanhamento ou marcação de danças e práticas ritualísticas. Sendo que o “fundo onomatopático” emergente das melodias mineríneas se constituíam dos sons imitativos do cantos das aves, assim como o som dos demais animais, do vento agitado e do arvoredo.



Fig. 5- DESCOURTILZ, Jean Théodore. *Turdus rufiventer/ Coracina scutata*. Rio de Janeiro. ⁵⁵

55 DESCOURTILZ, Jean Théodore. *Turdus rufiventer/ Coracina scutata*. Disponível: <https://www>.

4. Sonoridades dos “cataguás”

O homem da nação Brasil hoje, está mais afastado do ameríndio que do japonês e do húngaro. O elemento ameríndio no populario brasileiro está psicologicamente assimilado e praticamente já quase nulo. Brasil é uma nação com normas sociais, elementos raciais e limites geográficos. O ameríndio não participa dessas coisas e mesmo parando em nossa terra continua ameríndio e não brasileiro. O que evidentemente não destrói nenhum dos nossos deveres com ele. Só mesmo depois de termos praticado os deveres globais para termos pra com ele é que podemos exigir dele a prática de ser brasileiro (ANDRADE, 1962, p. 16).

A região das “Minas dos Cataguases”, denominada mais à frente como estado de Minas Gerais, foi o território onde residiam as tribos indígenas pertencentes ao grupo *gê* ou *tapuia*, na qual a grande matriz étnica seria classificada como a mistura de *caraibas* com *tupis*, ou até mesmo, grupos de descendência dos blocos botocudos. A macro região que abrange as fronteiras de Minas e São Paulo, região do Vale do Paraíba, eram dominadas pelos Cataguás ou Catauás (RIBEIRO, 2008, p. 44), que espalharam-se por todo vale do Rio Grande.

É estimado pela FUNAI (Fundação Nacional do Índio) que no período anterior ao colonial, as populações indígenas no interior do país chegavam a 1.000.000 de habitantes, enquanto a soma total dos grupos indígenas atingiam 3.000.000⁵⁶. Porém, o início das constantes expedições dos imigrantes nos territórios brasileiros

brasilianaiconografica.art.br/obras/18768/turdus-rufiventer-coracina-scutata. Acesso em: 04 set. 2019. Iconografia em domínio público.

⁵⁶ Disponível em: <http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/quem-sao>. Acesso em: 29 set. 2019.

levou ao movimento forçado de migração, seja por deslocamento, desterritorialização, escravidão e fugas, fazendo com que assim, os mineríndios se deslocassem para o centro e o extremo oeste de Minas Gerais. “Entre os grupos indígenas afetados com a ação colonizadora na região Vale Paraibana, podemos destacar os Puris, Coroados, Ararís, Coropós, Caxaxenes, Tupinaki” ALVES; FERREIRA; OLIVEIRA, 2018, p. 1).

As ações migratórias e de resistência resultam nas sonoridades que constituem a identidade desses indivíduos, como em suas armas: o som dos arcos do botocudos de madeira do tronco da palmeira *brejaúba*, tendo, porém, corda de fibras *gravatá* (JOSÉ, 1965), por exemplo; os gritos de guerra, assim como a música ritualística perante nascimento, casamento, proclamação do novo cacique ou de um jovem guerreiro, início da puberdade de uma jovem e vitória sobre inimigos e os dialetos, que neste caso, são em sua maioria do tronco linguístico Macrô-Jê. Assim,

Os povos ameríndios remetem a aquisição dos seus repertórios gráficos e musicais a encontros realizados com diferentes agentes que fazem parte de seus coletivos [...] Em outras palavras, são coisas do mundo, estão aí, materialmente, e não são a expressão, impalpável, do desejo e da subjetividade humana. (TUNGY, 2015, p. 324)

A ineficiência em descrever a cultura desses indivíduos remete a forma na qual o conhecimento desses eram repassados e valorizado na conjuntura social brasileira⁵⁷. Consequentemente, a imagem que se tem da música indígena, ideia exposta na obra de Rosângela Tugny (2015), se restringe ao campo “folclórico”, ao mesmo tempo que “A experiência de certos regimes estéticos da arte consiste numa

57 Cf. NAKASHIMA; ALBUQUERQUE, 2011, p. 182: “Os povos indígenas vêm construindo o discurso da diferença étnica com base na reelaboração de símbolos e tradições culturais, sendo que muitas delas foram apropriadas da colonização e reinterpretadas segundo a perspectiva indígena”.

resistência radical à necessidade capitalista de suprimir a ociosidade, o livre-jogo e a estética do cotidiano em proveito da produtividade”. E, assim, a criação ameríndia é capaz de invocar um novo vínculo com a matéria sensível, reconhecendo suas alteridades.

Ademais, essa cosmologia contrapõe-se à noção de criação artística humanocêntrica, ocidental, onde o humano age sobre os materiais e a cultura age sobre a natureza, a **uma noção de escuta, a ameríndia**, que se situa em outra região de sociabilidade, **onde os humanos não são os únicos agentes que modificam o espaço em que vivem, onde a fonte da subjetividade não está no sujeito, mas fora dele**”. (TUGNY, 2015, p. 324. Negrito da autora deste capítulo.)

Na região de Bento Rodrigues, Paracatu de Baixo e Gesteira, a presença dos blocos botocudos e cataguás compõem o ambiente, e é imprescindível conceber os grupos indígenas que habitavam o distrito de Mariana como uma camada importante na constituição da memória dessas áreas, uma vez que em Minas Gerais localizam os mais antigos fósseis humanos achados no continente americano. Recordar o processo linguístico e musicológico dos índios, inclusive durante escravidão e a repressão no século XVIII, é uma forma de ilustrar a historicidade sonora do território, assim como reafirmar as manifestações de resistência ameríndia. Porquanto, o silêncio total (neste caso entendido enquanto apagamento) é a rejeição da personalidade humana. (SCHAFER, 2001)

Considerações finais

O entrecruzamento de fatores naturais e sociais, interligado, por sua vez, à temporalidade, conduz simultaneamente à permanência ou à efemeridade dos sons fundamentais e dos marcos sonoros da localidade. A contaminação da água do rio Gualaxo do Norte com a quebra da barragem de Fundão é um exemplo disto. Este evento

resultou no soterramento das nascentes e, conseqüentemente, na morte de milhares de peixes, implicando também na migração da população das regiões afetadas e, por fim, no desuso do rio. Por tanto, o espaço retrata suas alteridades. A imersão condizente à interpretação de um lugar, pode ser compreendida na definição de Milton Santos (2002) onde, na verdade, paisagem e espaço são sempre uma forma de palimpsesto, mediante acumulações. E, assim, rever e analisar seus componentes é também rever e analisar os embates atuais.

Referências:

ALVES; Marta Regina; FERREIRA, Fabiana Marques; OLIVEIRA. Robson da Silva. Da resistência à ressurgência: a história do povo indígena puri na resistência e manutenção de sua cultura. XXII ENCONTRO LATINO AMERICANO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, XVIII ENCONTRO LATINO AMERICANO DE PÓS-GRADUAÇÃO E VIII ENCONTRO DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA - UNIVERSIDADE DO VALE DO PARAÍBA. *Anais...* 25 e 25 out. 2018. Disponível em: http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2018/anais/arquivos/RE_1077_1210_02.pdf. Acesso: 25 jan. 2020.

ANDRADE, Mário de. *Ensaio sobre a Música Brasileira*. São Paulo: L. Martins, 1962.

BUSCACIO, Cesar; BUARQUE, Virgínia. *Sonoridades, culturas e poderes*. Palestra proferida no Seminário de inauguração do Curso de Especialização Música e Interdisciplinaridade. Ouro Preto, 2019. Mimeo.

DIAS, Adriano de Oliveira; LUZ, Gustavo Silveira; ASSUNÇÃO, Viviane Kraieski de; GONÇALVES, Teresinha Maria. Mariana, o maior desastre ambiental do Brasil: uma análise do conflito socioambiental. In: LADWIG, Nilzo Ivo; SCHWALM, Hugo (Org.) *Planejamento e gestão territorial: a sustentabilidade dos ecossistemas urbanos*. Criciúma, SC: EDIUNESC, 2018.

ESCHWEGE, Wilhelm Ludwig Von. *Pluto brasiliensis*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979. V. 2.

ICOMOS BRASIL. *Dossiê de tombamento de Bento Rodrigues*. Belo Horizonte, maio 2019. Disponível em: <http://patrimoniocultural.blog.br/wp-content/uploads/2019/06/DOSSIE-BENTO-ICOMOS-2019.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2019.

JOSÉ, Oiliam. *Indígenas de Minas Gerais: aspectos sociais, políticos e etnológicos*. Belo Horizonte: Edições Movimento-Perspectiva, 1965.

NAKASHIMA, Edson Yukio; ALBUQUERQUE, Marcos Alexandre dos Santos. A cultura política da visibilidade: os Pankararu na cidade de São Paulo. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 47, p. 183-201, 2011.

OLIVEIRA, José Eduardo de. *Bento Rodrigues: trajetória e tragédia de um distrito do ouro*. S. d.. Disponível em: file:///C:/Users/Dell/Downloads/Bento_Rodrigues_trajetoria_e_tragedia_de.pdf. Acesso em 2 ago. 2019.

RIBEIRO, Núbia Braga. *Os povos indígenas e os sertões das minas de ouro no século XVIII*. 2008. 405 f. Tese (Doutorado em História). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

RODRIGUES, Aline Sueli de Lima. *Caracterização da bacia do rio Gualaxo do Norte, MG, Brasil: Avaliação geoquímica ambiental e proposição de valores de background*. 2012. 162f. Tese de Doutorado, Departamento de Geologia, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2012.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo : Hucitec, 1988.

_____. *A Natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: EDUSP, 2002.

SCHAFFER, R. Murray. *A afinação do mundo*. Uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora. 2ª. ed. São Paulo: Unesp, 2001.

_____. *Vozes da Tirania*. Templos de Silêncio. São Paulo: Unesp, 2019.

TUGNY, R. P. Agência dos objetos sonoros. *Per Musi*, Belo Horizonte, n.31, p. 322-344, 2015.

VIANA, Fábio Henrique. *A paisagem sonora de Vila Rica e a música barroca das Minas Gerais (1711-1822)*. 2011. 203f. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.